

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
MESTRADO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – MÍDIA, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

FLÁVIO SOARES

**RELATÓRIO DE ATIVIDADES: DOCUMENTÁRIO “TECENDO
MEMÓRIAS: UM OLHAR SOBRE AS HISTÓRIAS CONTADAS
PELA COMUNIDADE TECELÃ FIOS DO CERRADO”**

UBERLÂNDIA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
MESTRADO EM TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – MÍDIA, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

FLÁVIO SOARES

**RELATÓRIO DE ATIVIDADES: DOCUMENTÁRIO “TECENDO
MEMÓRIAS: UM OLHAR SOBRE AS HISTÓRIAS CONTADAS
PELA COMUNIDADE TECELÃ FIOS DO CERRADO”**

Relatório de atividades apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para aprovação em Exame de Defesa, do Mestrado em Tecnologia, Comunicação e Educação. FAGED - Faculdade de Educação da UFU – Universidade Federal de Uberlândia.

Docente: Prof. Dr. Gerson de Sousa.

UBERLÂNDIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

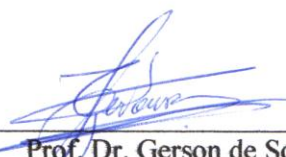
S676r
2015 Soares, Flávio, 1978-
 Relatório de atividades : documentário “tecendo memórias : um
 olhar sobre as histórias contadas pela comunidade tecelã fios do cerrado”
 / Flávio Soares. - 2015.
 35 f.

 Orientador: Gerson de Sousa.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação.
 Inclui bibliografia.

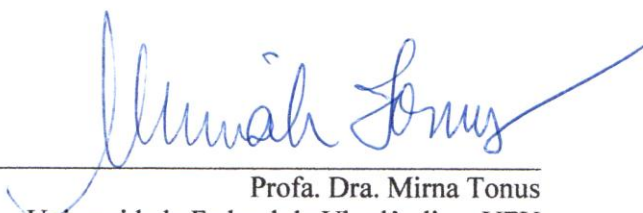
 1. Educação - Teses. 2. Jornalismo - Teses. 3. Comunicação - Teses.
 4. Tecelagem - Teses. 5. Tecelões. I. Sousa, Gerson de. II. Universidade
 Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias,
 Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 37

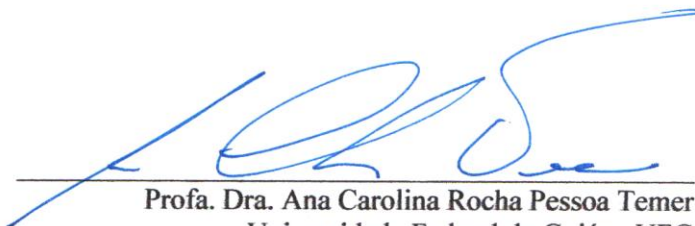
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gerson de Sousa
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Profa. Dra. Mirna Tonus
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer
Universidade Federal de Goiás - UFG

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao professor e orientador Dr. Gerson de Sousa. Primeiramente, pela oportunidade em ser seu orientando e por repassar a mim saberes de forma generosa;

À Prof^ª. Dra. Adriana Cristina Omena dos Santos, coordenadora do Programa de Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação;

Às professoras Dra. Ana Cristina Menegotto Spannenberg e Dra. Vanessa Matos dos Santos, pelas contribuições na banca de Qualificação;

Às professoras Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Dra. Mirna Tonus, pela participação na Banca de Defesa;

Aos professores Dr. Carlos Alberto Lucena, Dra. Elise Barbosa Mendes e Dr. Guilherme Saramago de Oliveira, do programa de Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação;

Aos colegas da primeira turma do Programa de Mestrado Profissional, em especial, pela colaboração acadêmica e até emocional, dos companheiros Danilo Fonseca, Maira Nani França, Márcia Cardoso, Rosane Oliveira e Suselaine da Fonseca;

À Luciana de Almeida, secretária do Programa de Mestrado da FAGED;

Aos colegas e parceiros do projeto “Tecendo Memórias”: Iara Helena Magalhães, Patrícia Duarte, Guilherme Francisco Lopes e Roberto Chacur;

Ao Jorge Rodrigues, diretor da Fundação Filadélfia e Queliomara Pereira, coordenadora do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado;

Por último, e não menos importantes, aos tecelões do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado.

Soares, Flávio, 1978. Relatório de atividades: documentário “tecendo memórias: um olhar sobre as histórias contadas pela comunidade tecelã fios do cerrado”/ Flávio Soares – 2015. 35f.

RESUMO

Este relatório retrata as ações, o desenvolvimento e como foi a participação ativa dos membros de uma comunidade fiandeira na produção de um vídeo documentário, no modelo de comunicação comunitária e que retratasse a história de vida dos tecelões e do próprio Centro Fios do Cerrado, que abriga os profissionais na cidade de Uberlândia em Minas Gerais. Os relatos e fatos mais significativos do documentário também foram registrados em forma de vídeo, tratado como “making of”. Neste, fica evidente o quanto a comunicação comunitária foi importante para a ressignificação de valores e sentimentos destacados e valorizados na reprodução das histórias narradas e contextualizadas em forma de áudio e vídeo. Também para a valorização dos depoimentos e da participação mais ativa dos membros nas filmagens, produção, edição e arte finalização, os estudos culturais e o materialismo histórico serviram de embasamento teórico durante as pesquisas e gravações.

Palavras-chave: Jornalismo comunitário. Comunicação. Cultura. Tecelagem. Memórias.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO E OBJETIVOS DO PRODUTO MIDIÁTICO: O DOCUMENTÁRIO DE BASTIDORES	5
2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
3	JUSTIFICATIVA PARA CONSTRUÇÃO DO PRODUTO MIDIÁTICO.....	8
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA	10
5	MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NA PESQUISA	13
5.1	Pesquisa Bibliográfica	13
5.2	Pesquisa Qualitativa	13
5.3	Coleta de Dados	14
5.4	Análise Qualitativa dos Dados, Edição e Arte-Finalização	15
6	ROTEIRO	16
7	RELATO DE DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO MIDIÁTICO.....	19
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	34

RELATÓRIO DE ATIVIDADES PARA EXAME DE DEFESA

1. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS DO PRODUTO MIDIÁTICO: DOCUMENTÁRIO DE BASTIDORES

Este relatório é apresentado à Banca Examinadora do Mestrado Profissional em Tecnologia, Educação e Comunicação da FAGED (Faculdade de Educação) da UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Tal relatório é sobre a condução e desenvolvimento das atividades realizadas durante a pesquisa, produção, gravação e edição do vídeo “Tecendo Memórias: um olhar sobre as histórias contadas pela comunidade tecelã Fios do Cerrado”. O produto desenvolvido pode ser conceituado como um documentário de bastidores.

O documentário de bastidores (cujo termo é convencionado, em inglês, como *Making-of*) tem como temática a mídia como instrumento de inclusão social e é uma produção midiática que registra em imagem, som e comentários teórico-analíticos o processo de produção, realização e repercussão interna do documentário comunitário “Tecendo Memórias”; uma produção independente realizada na cidade de Uberlândia - MG, junto a uma comunidade de tecelões, entre os anos 2013-2014 e financiada pelo Fundo Municipal de Incentivo à Cultura da Prefeitura de Uberlândia.

Alicerçado à proposta de Comunicação, o documentário “Tecendo Memórias” tem a duração de aproximadamente 30’. No documentário, os membros da comunidade do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado foram agentes participantes das etapas de planejamento, pré-produção, produção, filmagens, edição e arte-finalização, sob a orientação do mestrando aqui em Exame de Defesa e outros profissionais das áreas de Comunicação, que atuaram como educadores durante o processo. Estes foram contratados como oficineiros, técnicos de filmagem e edição para o projeto financiado por Lei de Incentivo. Os profissionais acompanharam todas as atividades propostas e desenvolvidas, dando apoio, orientação e formação aos tecelões.

A ideia de se construir, como produto midiático, um documentário de bastidores sobre o documentário “Tecendo Memórias” nasceu de um objetivo principal: compreender o processo de produção, realização e repercussão (entre a comunidade interna) de um produto midiático construído no contexto da Comunicação Comunitária por sujeitos históricos de uma comunidade de tecelagem artesanal. Já os objetivos específicos foram: a) observar as vivências dos sujeitos históricos envolvidos na

construção do documentário “Tecendo Memórias” e as questões sociais e ideológicas que dali emergiram; b) investigar de que modo tal documentário contribuiu para a preservação e disseminação do processo histórico cultural da comunidade fiandeira.

O trabalho com a Comunicação Comunitária para a construção do documentário “Tecendo Memórias” estimulou um reviver de memórias para que os tecelões se encontrassem/identificassem como sujeitos sociais, históricos e culturais. Pôde, ainda, permitir que os tecelões se vissem com mais profundidade enquanto sujeitos que dão continuidade à arte que aprenderam de geração em geração, além de provocar-lhes a consciência do quanto o trabalho artesanal por eles produzido é importante e especial culturalmente, ao mesmo tempo em que não se despreza a condição financeira de seu trabalho e a mais valia.

O documentário de bastidores foi construído como produto midiático de característica documental e histórica. Tem como público-alvo o receptor do documentário “Tecendo Memórias” que desejar saber mais sobre a feitura do documentário, além de todo aquele que se interessar por mídia, educação e comunicação. Sua duração é de 20’ e é composto por: a) cenas do documentário “Tecendo Memórias”; b) cenas das oficinas realizadas durante as várias etapas de construção do documentário; c) depoimentos dos participantes do projeto (membros da comunidade e oficineiros). O vídeo tem caráter explicativo, com narrações do roteirista/pesquisador e de técnicos envolvidos com falas dispostas entre as cenas, por meio das quais se realiza uma reflexão sobre o documentário e o desenvolvimento de suas atividades no contexto da Comunicação Comunitária.

Para se ter acesso ao vídeo desenvolvido no programa de mestrado profissional em tecnologias, comunicação e educação, basta acessar o endereço eletrônico abaixo:

<http://goo.gl/NaZSjf>

O vídeo produzido anteriormente e que serviu de material de apoio e análise para o produto midiático confeccionado no programa de mestrado está disponível em:

<http://goo.gl/ikQOkL>

2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A construção de mais um produto midiático sobre a comunidade tem por objetivos específicos: a) divulgar a comunidade perante o público externo, de modo a promover a compreensão de que o grupo possui manifestações culturais que lhes permite a participação ativa - econômica e política na sociedade em geral; b) valorar a formação, informação e educação obtida pelos membros da comunidade sobre o uso de novas ferramentas de aprendizagem e de comunicação; c) colaborar para a valorização da construção da identidade, cultura, saberes e conhecimentos específicos da comunidade, como agentes transformadores e geradores de conhecimento; d) propiciar, por meio da divulgação do documentário de bastidores, uma maior participação econômica ativa dos tecelões e do Centro, pela possibilidade de abertura de novos nichos de mercado às manifestações artísticas e tradições populares ali produzidas, criando um acervo cultural que poderá ser usado em criações intelectuais de outros setores e, conseqüentemente, colaborará para a gestão do conhecimento.

3. JUSTIFICATIVA PARA CONSTRUÇÃO DO PRODUTO MIDIÁTICO

A construção do documentário de bastidores sobre o documentário “Tecendo Memórias” justifica-se como contribuição, na área acadêmica, para as pesquisas sobre produtos midiáticos que tenham como temática a mídia como instrumento de Educação, bem como, a mídia como ferramenta para o exercício de políticas públicas de inclusão, promoção e expansão dos bens e saberes culturais e artísticos produzidos pela comunidade tecelã. Olhar reflexivamente para o processo de construção do documentário “Tecendo Memórias” através de um documentário de bastidores é verificar como os membros de uma comunidade passaram de receptores dos meios de comunicação a protagonistas, bem como roteiristas, produtores e gestores de um produto midiático, sendo inseridos, conforme explica Peruzzo (2002, p. 2), como emissores da história dessa própria comunidade. É entender de que modo estas pessoas puderam ver-se como sujeitos históricos e ideológicos de seu meio, de sua cultura, além de tornarem-se sujeitos de seu processo de conhecimento, educando-se através de seu engajamento em atividades e relações de sociabilidade propiciadas pelos ambientes tecnológicos.

O documentário de bastidores também se justifica no âmbito social, ao verificar-se, como problemática, uma significativa carência, na sociedade em geral, do interesse, apreciação e valoração de produtos midiáticos independentes que tratem da temática. Produzir um documentário de bastidores sobre o documentário “Tecendo Memórias” é colaborar ainda mais para o fortalecimento da comunidade tecelã Fios do Cerrado, sendo tal produto midiático parte de uma rede social sobre a comunidade, ou seja, mais uma memória de dados, de narrativas sobre o tecer manual no interior de Minas Gerais. O documentário de bastidores é, em conjunto com o documentário “Tecendo Memórias”, uma ação conjunta para a valorização da comunidade em questão, a qual pode ganhar maior visibilidade e, conseqüentemente, ter o seu trabalho manual valorizado como instituição cultural singular da cultura no interior de Minas Gerais, mesmo com a difusão de uma cultura de manufatura tecnológica de tecidos no Brasil.

Nos dias de hoje tanto quanto no passado, a cultura da tecelagem manual também enfrenta problemas que colocam a comunidade à margem da sociedade, em decorrência da difusão de uma cultura de manufatura tecnológica de tecidos no Brasil, o que causa invisibilidade e desvalorização do trabalho manual.

A cultura tradicional da tecelagem vem resistindo, através do tempo, no interior de Minas Gerais e, tardiamente, em alguns poucos redutos de Goiás, constituindo-se em um patrimônio dotado de valores que extrapolam a sua materialidade. A cidade de Uberlândia é um desses redutos, personificado na comunidade de tecelões do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado. Situado no bairro Patrimônio, zona sul da cidade, trabalham no Centro 22 pessoas, que produzem diariamente, no tradicional tear, tapetes, cortinas, toalhas, forros, almofadas, jogos americanos, vestuários, que preservam uma tradição.

O Centro é mantido por meio de uma entidade civil sem fins lucrativos, denominada Filadélfia, que é vinculada à Igreja Evangélica Assembleia de Deus, bem como à Prefeitura Municipal de Uberlândia, que administra o espaço físico. Recebe também apoio de empresas privadas que doam fardos de algodão e da Universidade Federal de Uberlândia, que fornece o algodão “ganga”, de coloração naturalmente amarronzada.

Ainda que, atualmente, a transmissão dos conhecimentos da tecelagem se dê como no passado, de mães para filhas, o Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado capacita novos tecelões por meio de cursos gratuitos abertos a toda a comunidade. A maioria dos alunos e dos funcionários são pessoas da terceira idade; trabalhadores sob o regime da CLT, recebendo um salário mínimo mensal, com direito a férias e 13º salário. Decorrente de uma tradição no Brasil, 90% dos integrantes são mulheres entre 50 e 85 anos (há dois homens entre os membros da comunidade), que, nesta atividade, encontram ocupação, realização pessoal, bem como, renda financeira proveniente da Instituição Civil Filadélfia, mas também incentivada pelas vendas dos produtos ali feitos. Isso porque o Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado possui uma loja para comercialização de seus produtos, onde uberlandenses e turistas do Brasil e do mundo encontram peças de variadas serventias e preços.

Diante de tal realidade, considerou-se que o documentário de bastidores, anexo ao documentário “Tecendo Memórias”, é mais um passo para que os membros do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado tenham inserção em vários setores da cidadania.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA

Para se realizar, no documentário de bastidores, em que os “personagens principais” retratam suas experiências vividas ao longo do desenvolvimento do vídeo e das próprias histórias revividas em oficinas e nos dias de gravação, planejamento e edição, uma reflexão teórico-analítica sobre processo de produção, realização e repercussão (entre a comunidade interna) do documentário “Tecendo Memórias”, fez-se necessária a escolha de um alicerce teórico-analítico que comportasse a construção de um conhecimento científico na área comunicacional. Amparando-se em Martino (2003, p.77), considerou-se inicialmente que a construção de saber científico na área da Comunicação encontra-se condicionada pela sociedade. Portanto, a construção de um documentário de bastidores com reflexões teórico-analíticas sobre o documentário “Tecendo Memórias” deveria levar em consideração a forte influência dos fatores e sujeições sociais, tanto para a escolha dos fundamentos teóricos, do método científico, quanto do tratamento do objeto a ser analisado.

Martino (2003, p. 78) destaca que a construção do conhecimento científico na área da Comunicação detém certas particularidades, devendo metodologicamente sua abordagem ser encarada como um tratamento da ciência enquanto prática social e, portanto, sujeito a determinações típicas dessa ordem, “tais como os problemas de sociologia, das profissões, de condicionamentos culturais, de disputas partidárias, de correntes ideológicas, de lutas de poder pelo controle institucional, enfim, tudo o que liga o conhecimento ao poder e à cultura de modo geral”. Nesse sentido, as teorias, o método e o objeto de análise do documentário de bastidores “Tecendo Memórias: um olhar sobre as histórias contadas pela comunidade tecelã Fios do Cerrado” devem ser considerados como parte de instituições que se transformam no tempo, em função das relações que estabelecem com outras instituições sociais ou com a cultura.

Assim, em primeiro lugar, na construção de uma análise sobre o documentário “Tecendo Memórias” consideram-se os sujeitos históricos que ali enunciam, bem como, a teoria metodológica que alicerçou a construção de tal produto: a Comunicação Comunitária (PERUZZO, 2002), que visa oportunizar, efetivamente, que tais sujeitos enunciem a partir de suas próprias escolhas, lugar social, motivações pessoais e grupais, sendo construtores e não como meros personagens de um produto midiático.

Trabalhar com sujeitos históricos não permite, de modo algum, que as análises sejam separadas da dimensão crítico-reflexiva, devendo-se levar em conta os elementos sociais, culturais, educacionais e as forças históricas que compõem tais narrativas, pois lhe são constitutivos. Nesta perspectiva, estão na base da investigação do documentário de bastidores as relações estabelecidas entre processos históricos, culturais e sociais que envolvem e compõem o objeto de análise. O quadro epistemológico que subsidia o documentário de bastidores, portanto, reside na articulação de quatro regiões de conhecimentos científicos - sociedade, história, cultura e educação - e necessita de mais um fundamento teórico: a teoria das formações e suas transformações, compreendida como a teoria das ideologias, isto é, o Materialismo Histórico de Karl Marx.

Levar em consideração a articulação de quatro regiões de conhecimentos científicos implica em uma pesquisa de caráter interdisciplinar, ao mesmo tempo, formal e atravessado por entradas subjetivas, decorrentes das complexas relações e entrecruzamento entre educação, sociedade, história e cultura no processo de produção das narrativas de memórias individuais e coletivas. Faz-se imprescindível, portanto, um dispositivo metodológico-analítico que integre às análises as condições de produção dessas narrativas coletivas e individuais, operando a articulação de vários campos do saber científico: os Estudos Culturais.

Alicerçar-se à perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais requer, imprescindivelmente, reflexões sobre os postulados teórico-analíticos de um de seus mais representativos teóricos: Stuart Hall (2003), dos quais a pesquisadora brasileira Escostheguy (2001) faz uma clara e útil tradução. É imprescindível, ainda, ao se ter como método de pesquisa os Estudos Culturais, uma reflexão interdisciplinar levando-se em conta ponderações de outros autores que compartilham da vertente filosófica denominada Materialismo Histórico, de Karl Marx. São eles: Adorno (2010), Becker (2001), Castells (2011), Freire (1981), Martino (2003), Marzzitelli (2011), Netto (1985), Nichols (2007), Peruzzo (1995a; 1995b; 2002), Pollak (1989), Puccini (2010) e Souza (2006).

Deste modo, nas reflexões teórico-analíticas do documentário de bastidores, o diálogo entre autores dos Estudos Culturais e outras disciplinas é pertinente, visto que, conforme Escostheguy (2001, p. 158), “os Estudos Culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais e identitários da sociedade”. A interdisciplinaridade entre os Estudos Culturais e outras vertentes vinculadas ao Materialismo Histórico, como a Comunicação

Comunitária, permite ainda, de acordo com Blundell (*apud* ESCOSTHEGUY, 2001, p. 158), que “a cultura possa ser identificada e analisada de forma dependente das realidades sociais concretas dentro das quais existem e a partir das quais se manifestam”.

5. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NA PESQUISA

A construção do documentário de bastidores foi realizada obedecendo-se a seguinte metodologia de trabalho: Pesquisa Bibliográfica; Pesquisa Qualitativa; Roteiro; Coleta de Dados (Observação Não-Participante, Diário, Entrevista Semi-Estruturada); Análise Qualitativa dos Dados e Edição/Arte-Finalização.

5.1 Pesquisa Bibliográfica

Realizou-se a pesquisa bibliográfica na área comunicacional, com ênfase na Comunicação Comunitária, Materialismo Histórico e Estudos Culturais. As investigações bibliográficas se deram através de pesquisas em livros e artigos veiculados em publicações periódicas, a partir dos seguintes autores: São eles: Adorno (2010), Becker (2001), Castells (2011), Escostheguy (2001), Freire (1981), Hall (2003), Martino (2003), Marzzitelli (2011), Netto (1985), Nichols (2007), Peruzzo (1995a; 1995b; 2002), Pollak (1989), Puccini (2010) e Souza (2006).

Optou-se por este método por ser a pesquisa bibliográfica um procedimento investigação e exploração “que tem como objetivo proporcionar respostas a problemas envolvendo inúmeras fases, desde a formulação do problema até a apresentação dos resultados” (GIL, 2006, p. 17). Segundo o autor, a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de um material já publicado, iniciando com a escolha de tema, delimitando a área de estudo e esclarecendo os principais conceitos que envolvem o tema pesquisado.

5.2 Pesquisa Qualitativa

Além da pesquisa bibliográfica, também se fez uso, para a construção do documentário de bastidores, da pesquisa qualitativa, que segundo Roesch (2007, p. 23), pode ser entendida como uma atividade de investigação que utiliza de métodos de coleta e análise de dados, em uma fase exploratória da pesquisa, para interpretá-los, considerando os significados das ações, das relações humanas e a subjetividade dos sujeitos.

Richardson (1999, p. 80) difere a pesquisa qualitativa da quantitativa, pois o método de pesquisa quantitativa emprega um instrumento estatístico como base nos processos de análise de um problema, e a qualitativa não pretende numerar ou medir unidades ou categorias, mas pretende entender a natureza do problema social. O autor observa que:

[...] as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares, como descrever a complexidade de determinado problema e analisar a interação de certas variáveis [...] compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 1999, p. 80).

5.3 Coleta de Dados

Amparando-se na pesquisa qualitativa para a construção do documentário de bastidores, sentiu-se a necessidade de lançar mão, para a descrição das formas de expressão dos sujeitos históricos envolvidos na construção do documentário de bastidores, de um plano de coleta de dados direcionado por Lakatos e Marconi (1991, p. 46): a observação não-participante; o diário; a entrevista semi-estruturada. Isto para que se pudesse, conforme orienta Gil (2006, p.50), “realizar o contato direto com as pessoas cujo comportamento se deseja conhecer, estudando um grupo significativo de pessoas que farão parte do problema estudado”.

A primeira fase de coleta de dados abrangeu, concomitantemente, a observação não-participante e a confecção de um diário, ambas durante a construção do documentário “Tecendo Memórias”. Na observação não-participante, o entrevistador assumiu, durante as oficinas de roteiro, filmagem e edição do documentário “Tecendo Memórias” uma postura de observador e expectador do objeto a ser investigado. No diário, realizou-se um registro, por escrito, dos acontecimentos, além da gravação, em arquivo audiovisual, de depoimentos, por meio de câmeras fotográficas e celulares.

A segunda fase de coleta de dados se deu mediante entrevistas semi-estruturadas, que ocorreram após a finalização do documentário “Tecendo Memórias” e foram aplicadas a alguns dos membros participantes do curta-metragem, de modo a descobrir características dos sujeitos em relação à construção do documentário, isto é, a fim de saber o que os membros da comunidade pensavam, sentiam ou faziam em relação ao processo de construção fílmica. Entre todas as técnicas, a entrevista semi-estruturada foi a mais utilizada. Isso porque, conforme explica Richardson (1999, p.207), esta é “[...] uma técnica que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”. Constituídas de perguntas e respostas pré-formuladas, em forma de questionário, as entrevistas semi-estruturadas foram gravadas em arquivo audiovisual, por câmeras digitais da marca Nikon D 800, Sony NX 5, Canon 7D e Canon T3I, cujo

custo com cinegrafia totalizou R\$400,00. Tais entrevistas facilitaram grandemente o processo de investigação do documentário de bastidores, pois permitiram que os questionamentos fossem reformulados e outras perguntas acrescentadas, de acordo com o surgimento dos fatos durante o processo de investigação.

5.4 Análise Qualitativa dos Dados, Edição e Arte-Finalização

Finalizada a etapa das entrevistas semi-estruturadas, os dados foram organizados para seleção e análise, através de uma linha de interpretação social. Após a edição, os dados passaram pela decupagem das cenas e sons que resultaram na construção do documentário de bastidores, sendo, para tanto, utilizado o programa ADOBE PREMIER, gerando um custo de R\$1519,00 com o profissional de edição de vídeo.

6. ROTEIRO

As cenas que compuseram o documentário de bastidores foram estruturadas com base em um roteiro pré-determinado, conforme se apresenta a seguir:

TÍTULO - Tecendo memórias: um olhar sobre as histórias contadas pela comunidade tecelã Fios do Cerrado

CENA 1. Corredores e Sala de Exibição. Interior. MANHÃ

Tecelãs preparam-se para assistir ao documentário pela primeira vez. Saem dos teares e caminham rumo à sala de exibição. Conversas sobre expectativas, em registro de som ambiente.

CORTA PARA:

Sobe letreiro do filme.

CENA 2. Sala de Exibição. Interior. Manhã

Tecelões escolhem lugares. Sentam-se. Conversas sobre expectativas em registro de som ambiente.

CENA 3. Sala de exibição. Interior. Manhã

Entrevista Tecelã. Conteúdo: expectativas sobre o filme.

CENA 4. Centro de Tecelagem. Interior. Manhã

Entrevista com a oficinaira Iara Magalhães. Conteúdo: comentários próprios.

CENA 5. Sala de Exibição. Interior. Manhã

Tecelões assistindo ao documentário. Captação das reações diversas.

CENA 6. Centro de Tecelagem - Local e instrumentos de trabalho. Interior. Manhã

Tecelões - Depoimentos que expressam como foram as vivências.

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento: mostram-se cenas do documentário.

CENAS 7, 8, 9 e 10. Centro de Tecelagem - Local e instrumentos de trabalho. Exterior e Interior. Manhã

Tecelãs - Depoimentos que expressam as significações sobre o Centro de Tecelagem.

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento. Mostram-se cenas dos membros da comunidade nos afazeres diários.

CENAS 11, 12, 13, 14 e 15. Centro de Tecelagem - Local e instrumentos de trabalho. Interior. Manhã

Tecelões - Depoimentos que expressam as significações que possuem sobre o Centro, e bem como sobre o trabalho artesanal e a cultura tecelã.

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento. Mostram-se cenas dos membros da comunidade nos afazeres diários.

CENAS 16 e 17. Centro de Tecelagem - Local e instrumentos de trabalho. Interior. Manhã

Tecelões - Depoimentos que expressam como foi o desafio de participar ativamente do processo de construção do documentário e apresentar, por suas vozes, o Centro de Fiação e Tecelagem.

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento. Mostram-se cenas e fotos dos oficinairos e técnicos capacitando os membros da comunidade durante a construção do documentário.

CENA 18. Centro de Tecelagem - Interior. Manhã

Entrevista com a oficinaira Patrícia Duarte. Comentários sobre a fundamentação teórica e de pesquisa sobre os métodos de produção do vídeo.

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento. Mostram-se mais cenas e fotos dos oficinairos e técnicos capacitando os membros da comunidade durante a construção do documentário.

CENA 19. Centro de Tecelagem - Local e instrumentos de trabalho. Interior. Manhã

Tecelões - Depoimentos que expressam quais foram as aprendizagens que tiveram, os desafios e superação sobre o novo: as habilidades de comunicação.

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento. Mostram-se mais cenas e fotos dos oficinairos e técnicos capacitando os membros da comunidade durante a construção do documentário.

CENAS 20, 21 e 22. Centro de Tecelagem - Interior. Manhã

Tecelões - Depoimentos que expressam quais foram as aprendizagens que tiveram, os desafios e superação sobre o novo: a tecnologia.

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento. Mostram-se cenas e fotos dos membros da comunidade em contato com os instrumentos tecnológicos. Mostra-se elas gravando, escolhendo o local de depoimento, angulação de câmera, etc.

CENAS 23 e 24. Centro de Tecelagem - Interior. Manhã

Tecelãs - Mais depoimentos que expressam quais foram as aprendizagens que tiveram, os desafios e superação sobre o novo: a tecnologia.

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento. Mostram-se mais cenas e fotos dos membros da comunidade em contato com os instrumentos tecnológicos. Mostram-se elas gravando, escolhendo o local de depoimento, angulação de câmera, etc.

CENAS 25, 26, 27, 28, 29 e 30. Centro de Tecelagem - locais com instrumentos de trabalho. Interior. Manhã

Tecelãs - Depoimentos sobre como foi participar do reviver de memórias (falar de si, de sua construção histórica e identitária, da importância do trabalho de tecer para a posteridade).

CORTA PARA

Clipe de passagem para o próximo depoimento. Mostram-se cenas e fotos dos membros da comunidade.

CENA 31. Centro de Tecelagem. Interior. Manhã

Entrevista com o oficineiro Guilherme Francisco Lopes. Comentários sobre o trabalho de edição e envolvimento dos tecelões.

CENA 32. Centro de Tecelagem - Local e instrumentos de trabalho. Interior. Manhã

Entrevista com Dona Geralda, a tecelã mais idosa do Centro.

CENA 33. Centro de Tecelagem - Sala de Exibição. Interior. Manhã

Finalização da apresentação do documentário. Som ambiente. Sobe letreiro.

FIM

7. RELATO DO DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO MIDIÁTICO

O que se apresenta a seguir são relatos sobre o desenvolvimento de um olhar reflexivo na construção do documentário de bastidores, que se ateve a analisar a inclusão dos membros do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado nas esferas da Comunicação, Tecnologia e Educação, a partir da construção do documentário “Tecendo Memórias”. Levando em consideração as vivências ocorridas durante as oficinas de roteiro, filmagem e gravação, edição e decupagem das cenas e sons, foram coletadas junto aos tecelões, enquanto dados, narrativas que expressassem: a) o desafio de participar ativamente do processo de construção de “Tecendo Memórias”; b) os desafios e superação relativos ao desenvolvimento das habilidades de comunicação; c) o contato com a tecnologia; d) a ressignificação ocorrida sobre o trabalho artesanal e a cultura tecelã durante o desenvolvimento do documentário; e) as ressignificações sobre a importância da renda obtida pelo trabalho desenvolvido no Centro de Tecelagem X a cultura artesanal; e) a importância, para os tecelões, de ações como o falar de si, de sua construção histórica e identitária, do trabalho e convívio coletivo, durante a construção do documentário.

Toda esta coleta de dados ocorreu temporalmente em concomitância com o processo de construção do documentário “Tecendo Memórias”, começando durante as vivências/ oficinas para a elaboração do roteiro em comunidade. O trabalho de construção do roteiro para “Tecendo Memórias” teve início depois de uma fase de aproximadamente seis meses de planejamento, produção e pesquisa sobre os tecelões, sobre o Centro de Tecelagem e possíveis referenciais teóricos que colaborassem para a construção do documentário em si. Juntamente com estas oficinas de roteiro, como já dito, iniciou-se a coleta de dados para a confecção do documentário de bastidores junto ao programa de Mestrado em Tecnologia, Comunicação e Educação da FAGED (Faculdade de Educação) da UFU (Universidade Federal de Uberlândia).

Em específico, tal coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2013, por meio de observação não-participante, anotações e entrevistas. Logo após o período de festas e férias coletivas, o Centro foi fechado para reforma em janeiro de 2014 e reaberto em agosto do mesmo ano. Durante parte deste tempo (fevereiro e março de 2014), aconteceram as oficinas de filmagem, que ocorreram fora do ambiente de trabalho dos tecelões, e a coleta de dados para o documentário de bastidores teve continuidade em um espaço de constante convívio entre os tecelões: a

casa de um dos membros da comunidade, com participação de alguns deles e instrumentos particulares do tecer e fiar, usados na confecção caseira de tecidos.

Em abril de 2014, a direção da Instituição Filadélfia - que coordena o Centro - remanejou os profissionais para o saguão do Centro Administrativo da Prefeitura de Uberlândia e nos meses de maio até outubro as oficinas de filmagem do documentário, assim como a coleta de dados para esta pesquisa foram efetivadas neste espaço.

Somente nos meses de novembro e dezembro de 2014 os tecelões retornaram à sede do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado e ali se deu a finalização das oficinas do documentário “Tecendo Memórias” e também as últimas coletas de dados para a construção do documentário de bastidores. No decorrer de todos estes encontros, o material bruto de “Tecendo Memórias” foi constantemente apresentado aos tecelões para reconhecimento imediato e para propiciar novas tomadas de decisões em relação às gravações e, por fim, edição. Estas ações buscaram valorizar a diversidade/pluralidade da comunidade, e em muito propiciaram a coleta e análise de dados para o documentário de bastidores, pois neles estavam expressas muitas narrativas sobre a condição dos tecelões como sujeitos do processo e da vida da comunidade.

Portanto, reafirma-se, como já explicitado, que as oficinas/vivências analisadas no documentário de bastidores foram colhidas durante todo o processo de construção do documentário “Tecendo Memórias”. Ao início dos trabalhos de coleta de dados sobre a construção do documentário de bastidores, pode-se perceber por meio de uma observação não-participante e registros em diário que o vídeo foi proposto aos tecelões pelos oficineiros como forma de divulgar a comunidade tecelã e sua cultura popular de tecer com as mãos para o público de Uberlândia e região do Triângulo - além da possibilidade de comunicação com outras regiões e estados do território nacional.

A proposta de que o documentário “Tecendo Memórias” fosse roteirizado, gravado, editado e finalizado pelos sujeitos da comunidade, com o apoio tecnológico e conceitual de profissionais da área de Comunicação pôde ser vista, na análise dos dados coletados para o documentário de bastidores, como uma proposta de representação social. Um documentário assim carrega, conforme Nichols (2010, p. 27), a possibilidade de transmitir verdades, se assim quisermos; mostrar as reivindicações, pontos de vista e argumentos relativos ao mundo dos tecelões, proporcionando novas visões a serem exploradas. Verificou-se, diante da proposta de construção de um documentário de representação social, que o vídeo “Tecendo Memórias” não trabalharia com a ficção, mas que os personagens principais ou centrais seriam tratados e representados com a

menor quantidade possível de “intromissão” dos oficineiros ou produção técnica, justamente conforme orienta Nichols (2010, p. 27) para a produção de um documentário de representação social. Notou-se, portanto, nas análises de dados realizadas, que os membros da comunidade não foram tratados como atores/personagens, mas abordados na própria realidade em que vivem.

Verificou-se ainda pela reflexão dos dados coletados pela observação não-participante, que na construção do documentário “Tecendo Memórias”, a sugestão de que os membros do Centro de Tecelagem passassem, de receptores dos meios de comunicação a protagonistas, bem como roteiristas, produtores e gestores de um documentário foi feita tendo como fundamentação os conceitos basilares de Peruzzo (2002, p. 2), que defende a necessidade de uma formação cultural dos seres humanos para a cidadania. Nesta fundamentação, é imprescindível a inserção das pessoas como produtoras e emissoras de mensagens, em processos de comunicação, por meio das novas tecnologias. Compreende-se que inserir o membro de uma comunidade como emissor da história dessa própria comunidade é uma estratégia pela qual cada pessoa pode ver-se como sujeito histórico e ideológico de seu meio, de sua cultura, além de tornar-se sujeito de seu processo de conhecimento, educando-se através de seu engajamento em atividades e relações de sociabilidade propiciadas pelos ambientes tecnológicos.

Durante a análise dos dados recolhidos por meio de entrevistas, notou-se que a proposta foi vista de modo positivo pelos sujeitos do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado, que puderam compreender a importância de uma participação ativa em um produto midiático para o exercício da cidadania. Esta participação é vista, conforme Peruzzo (2002, p. 2), como o pleno exercício de seus direitos e deveres, sendo o documentário um instrumento possível para colaborar e valorizar a cultura, saberes e conhecimentos singulares da tecelagem manual produzida pelo Centro.

Vale salientar a metodologia utilizada para construção do documentário “Tecendo Memórias”: uma Metodologia Meio-Participativa de Comunicação Comunitária (PERUZZO, 1995a, p. 34) e também denominada em outras obras por Peruzzo (1995b, p. 151) como Participação Controlada. Isso significa que a autora diagnosticou que, em um trabalho em Comunicação Comunitária, ações de vários tipos metodológicos: a) Participativa, também denominada Participação Poder; b) Meio-Participativa, chamada ainda de Participação Controlada ou Limitada; c) Autoritária, também denominada de Não-Participação.

A metodologia Participativa (Participação Poder) é a ideal para um trabalho de Comunicação Comunitária, visto que permite uma participação direta dos membros de uma comunidade em todos os processos de construção de um produto midiático. Ela permite uma criação conjunta, em todos os âmbitos da construção de um produto midiático, propiciando orientação constante de profissionais da área da Comunicação, ações autônomas por parte da comunidade em relação a todas as fases de elaboração de um produto midiático, constante diálogo, gestão da comunicação, manifestação do sujeito pleno e exercício da cidadania. “Exige a existência de canais de participação desobstruídos, abundância de informações, autonomia, co-responsabilidade e representatividade” (PERUZZO, 1995b, p, 155).

Em outra esfera da Comunicação Comunitária está a metodologia Autoritária (PERUZZO, 1995a, p. 34), também denominada de Não-Participação (PERUZZO, 1995b, p, 153). Ela ocorre por meio de uma participação “[...] disfarçada e visa adaptar as demandas da comunidade aos interesses políticos daqueles que detêm o poder”. Nestas circunstâncias, a participação dos membros da comunidade é uma farsa e ocorre somente em determinados momentos, atuando tais membros somente no nível das mensagens: dando entrevistas, avisos, depoimentos, sugestões, cantando, pedindo músicas, concorrendo a concursos, enviando e-mails e, por vezes, até produzindo matérias. No entanto, os mesmos membros não encontram a oportunidade para planejar as mensagens, editá-las, administrar a comunicação, isto é, tomar decisões políticas e ideológicas. Este tipo de participação comunitária “[...] é usada, em geral, como massa de manobra para angariar popularidade e legitimação política, visando desempenho favorável ao líder da comunidade ou proponentes de um projeto comunitário” (PERUZZO, 1995b, p, 153).

Já a metodologia Meio-Participativa (PERUZZO, 1995a, p. 34), chamada ainda de Participação Controlada ou Limitada (PERUZZO, 1995b, p, 151) permite uma participação ativa dos membros da comunidade em alguns momentos do processo e ocasional em outras. Ela “[...] é aquela favorecida e possível somente nos aspectos, e até os limites, que as instâncias detentoras do poder o permitirem. Na prática significa sua concretização em fragmentos secundários ou parciais da tomada de decisões”. Neste caso, favorece-se a participação popular, mas só até o ponto que interessa ao órgão promotor e/ou que não ameace interferir na sua estrutura de poder. Considerando-se estas ressalvas, pode-se observar que Peruzzo, em sua obra *Pistas para o estudo e a*

prática da Comunicação Comunitária participativa não vê este tipo de metodologia como um problema em si:

Até aí, mesmo limitada, este tipo de participação é desejável e importante no processo de aprendizado participativo, de conquista da cidadania e da independência. Todavia, há que se ter cuidado para não cair nos limites do clientelismo nem se constituir numa pseudo-participação, pela manipulação (PERUZZO, 1999b, p. 153).

Portanto, o que se pode notar pelas análises de dados durante a construção do documentário de bastidores, é que o documentário “Tecendo Memórias” utilizou da metodologia Meio-Participativa (Participação Controlada ou Limitada). Isto pôde ser verificado pela análise das entrevistas realizadas com as oficinas e também por meio da observação não-participante de vivências e oficinas. Através destes dados verificou-se que a participação ativa dos membros se deu apenas em alguns momentos do processo (como na construção do roteiro, pré-produção e produção), sendo ocasional em outros com mão-de-obra técnica (filmagens e gestão) e um tanto quanto limitada em outros momentos em que fosse necessário o trabalho unificado (edição e arte-finalização). Compreende-se, por meio das entrevistas coletadas junto aos proponentes e oficinairos, que isto se deu pelo objetivo do próprio projeto do audiovisual, que não era formar comunicadores para atuar em um produto midiático que se solidificasse no mercado, mas propiciar, conforme orienta Cicília Peruzzo em seu conjunto de obras, a construção de um produto midiático como formação cultural para a cidadania. Isso significa dar voz para que os tecelões, do modo mais autônomo possível (apesar de toda ideologia que os interpela), falem, a partir de seu lugar e de suas escolhas, a fim de valorizar o trabalho da tecelagem manual, e ajudar a retirá-lo da invisibilidade diante da cultura de manufatura tecnológica de tecidos no Brasil.

Além disso, notou-se, pelas reflexões realizadas durante a construção do documentário de bastidores, a necessidade de incluir socialmente o grupo junto à comunidade externa, sendo o documentário “Tecendo Memórias” uma possibilidade para que as manifestações culturais do Centro fossem divulgadas, cada vez mais, a um número maior de pessoas. Isto se torna necessário, visto que tal prática artesanal encontra-se em situação de risco, isto é, de desaparecimento e exclusão social, em decorrência da difusão de uma cultura de manufatura tecnológica de tecidos no Brasil, o que causa, muitas vezes, pouco reconhecimento do tempo de produção que requer a produção de um trabalho manual e, conseqüentemente, de seu custo financeiro.

Nesta perspectiva, a análise dos dados coletados junto ao documentário de bastidores compreende que o Centro de Fiação e Tecelagem pode ser enquadrado no que Castells (2011, p. 60) denomina "grupos de minoria", isto é, comunidades ditas "diferentes" pelas suas culturas populares, as quais são extremamente ricas e transformadoras, quando levadas ao conhecimento da sociedade. Hall (2003, p. 140) esclarece que a cultura popular é aquela que tem como base as experiências, prazeres, memórias e tradições de um povo. É a cultura de grupos minoritários, que têm ligações com as esperanças, aspirações e cenários locais, e que são personificadas em práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns. Contraposta à "alta cultura" ou cultura de elite, a cultura popular é, portanto, um local de tradições alternativas, sendo esse o motivo pelo qual a tradição dominante sempre suspeitou profundamente ao seu respeito, inserindo-a, em consequência, em uma situação de exclusão social.

Levando-se em conta a situação de exclusão dos grupos minoritários é que as ações de inclusão fazem-se necessárias para a inserção do "Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado" e seus sujeitos. A visibilidade das memórias, sentimentos e formação intelectual e de vida dos sujeitos históricos desse grupo são fundamentais para que os seus sujeitos sejam transformadores da/na sociedade. Conforme defende Souza (2006, p. 54), uma boa maneira de realizar tal inclusão é fazendo-se uso das tecnologias comunicacionais e do material humano para produção, divulgação e inserção de valores dessa população.

Ademais, as entrevistas feitas para a construção do documentário de bastidores deixam perceber a expectativa dos próprios membros da comunidade: que o documentário "Tecendo Memórias", junto com tantas outras produções midiáticas feitas sobre o Centro, pode propiciar, futuramente, além da manutenção da cultura tecelã para o público externo, uma maior participação econômica ativa dos tecelões e do Centro – pela possibilidade de abertura de novos nichos de mercado às manifestações artísticas e tradições populares ali produzidas, criando um acervo cultural que poderá ser usado em criações intelectuais de outros setores e, conseqüentemente, colaborará para a gestão do conhecimento.

Verificou-se com os dados coletados por meio da observação, que a construção do documentário permitiu uma maior participação política dos sujeitos do Centro. Diz-se "política" pela possibilidade de manifestar suas vozes na sociedade massificada. Percebeu-se nas entrevistas coletadas que divulgar as vozes dos sujeitos do Centro, concretizadas nas histórias de vida individuais e coletivas, permitiu o fortalecimento da

comunidade tecelã como uma rede social, bem como, a construção de uma memória de dados, de narrativas de si. Isto porque, conforme orienta Pollak (1989, p.9), os diferentes povos, bem como suas histórias de vida, não podem ser esquecidos, pois são estas narrações que diferenciam pessoas e comunidades, as tornam especiais por serem únicas e - de certa forma – complementares. Ademais, o autor destaca que o que é manifestado pelas comunidades, através de suas histórias de vida, pode servir como um "guia" para estabelecer e manter fronteiras sociais, assim como redirecionar pensamentos e atitudes para uma nova reinterpretação do presente, que se reconstrói em intermediações com memórias do passado.

No que concerne ao reviver de memórias e histórias individuais e coletivas, foi ressaltado pelos membros do Centro, durante as entrevistas constantes no documentário de bastidores, que o documentário “Tecendo Memórias” permitiu a inserção de novas formas de aprendizado, as quais foram provenientes da participação em oficinas de capacitação para elaboração do vídeo. O que se nota nas reflexões dos próprios membros é o reconhecimento da importância do exercício de uma participação ativa e direta na construção do produto comunicacional. Paulo Freire (1981, p. 19) é defensor desta ideia, pois crê que a participação surge como um mecanismo, em grupos minoritários, para a ampliação da cidadania, sendo importante romper com a “cultura do silêncio” das minorias, ou a cultura da submissão, do cidadão ausente, de um cidadão sem voz, para que, deste modo, seja construída uma efetiva cidadania.

A realização de participação ativa dos membros do Centro durante o planejamento, produção e gestão do documentário converge, ainda, com o posicionamento de Peruzzo (2002, p. 4). Para a autora, a participação ativa de uma comunidade na construção de um produto comunicacional possibilita à pessoa tornar-se sujeito, pois este é um processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. “A pessoa inserida no processo de comunicação participativa tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura”.

Pelas entrevistas coletadas junto ao documentário de bastidores há o reconhecimento de que as escolhas de discursos e cenas feitas pelos tecelões no documentário “Tecendo Memórias” foram fiéis à elaboração de um roteiro previamente determinado pelos membros da comunidade. Puccini (2010, p. 18) defende que um documentário, basicamente, deve tomar como ponto de partida o peso que o roteiro tem em uma produção que retrata a ficção, como nos filmes, antes mesmo da década de 50 e, posteriormente, em produções que têm uma representação mais social. Segundo o

teórico, o conhecimento e reconhecimento sobre o tempo narrativo, o ambiente ou espaço, a entrevista, a condução e tudo mais que envolve a produção como um todo é fundamental para a representação do que se pretende alcançar por meio de imagens e sons.

Pode-se perceber, no documentário de bastidores que, por ser amparado pela Comunicação Comunitária, “Tecendo Memórias” também deu importância à construção do roteiro como possibilidade para considerar a valorização da realidade sócio-histórica e ideológica do Centro de Fiação e Tecelagem, enquanto comunidade coletiva, bem como, a valorização individual dos sujeitos históricos que o compõem, considerando o universo destes sujeitos como determinante para a construção do conteúdo e produção de sentidos do documentário.

Percebeu-se, ainda, pelas análises dos dados (entrevistas), que houve hesitação por parte de alguns membros do Centro, no que se refere à ideia de construção de um roteiro e planejamento de cenas. Como apresentar a estrutura física e humana da comunidade? Como falar da tecelagem manual, considerando-a um patrimônio artístico, cultural e econômico? Como contar a história do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado? Que depoimentos utilizar para reviver memórias individuais e coletivas? Todas estas perguntas se apresentaram sob o discurso do medo e do receio de que, sem talento ou experiência na área da Comunicação, um roteiro de cenas do documentário não poderia ser feito pelos sujeitos da tecelagem.

Os sujeitos do Centro de Fiação e Tecelagem foram alertados de que o primeiro passo para a realização de um documentário é a coragem, o enfrentamento e a disposição para emancipar-se. Em segundo lugar, explicou-se que a palavra talento é errônea e que não deve ser determinante para as ações de cada um. De acordo com Adorno (2010, p. 170), o conceito de talento é falso e “[...] não se encontra configurado nos homens [...] o desenvolvimento depende do desafio a que cada um é submetido”.

Evidentemente a isto corresponde uma instituição escolar em cuja estruturação não se perpetuem as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna praticamente possível o desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendiz baseado numa oferta diversificada ao extremo. (ADORNO, 2010, p. 170).

Neste momento da vivência, notou-se que os membros da tecelagem foram esclarecidos de que a arte precisava ser mostrada, segundo orienta Hall (2003, p. 127) como uma atividade, “[...] justamente como é mostrado o comércio, a política, a criação de filhos [...] uma forma de atividade particular e contemporânea de energia humana” e não somente como “[...] uma posição de privilégio, uma pedra-de-toque dos mais altos valores da civilização”. A arte da tecelagem manual deveria ser mostrada como uma forma do processo social geral.

Percebeu-se durante as oficinas, que para que os sujeitos do Centro tivessem participação e voz ativa, quer enquanto comunidade coletiva ou em cada individualidade, foi-lhes proposto que elegessem que conteúdos deveriam ser abordados no documentário, valorizando que os discursos fossem transmitidos por meio de palavras, imagens e sons. Isso foi alcançado pela aplicação metodológica de um questionário durante as oficinas, o qual foi respondido de modo oral por alguns dos sujeitos, e de maneira escrita por outros, como preferiram.

O questionário indagou aos membros sobre: a) o que cada um, individualmente, considera importante ser dito/mostrado sobre a história coletiva do Centro; b) o que cada um avalia ser digno de ser contado/mostrado em sua história individual; c) por que o conhecimento sobre a técnica de tecer manualmente, como cultura e arte, merece ser propagado a um maior número de pessoas; d) como cada sujeito acredita que a sociedade externa “enxerga” a atividade desenvolvida no Centro; e) quanto cada membro da comunidade considera a história do tecer artesanal importante para a cultura e a arte brasileira; f) onde a cultura do país e da região Sudeste está presente na técnica e no modo artesanal de construção dos objetos; g) de que forma os membros do Centro consideram ser possível “falar” da história da comunidade e de cada história individual, quer seja para um público-alvo externo quer seja interno.

Observou-se, ainda nas oficinas, por meio da observação não-participante e registro sob anotações, que as respostas ao questionário foram incentivadas por meio de vários recursos: a) perguntas, transmitidas com explanação visual, através de data show; b) diálogos; c) canções que fizessem reviver memórias coletivas e individuais; d) “re-olhar” para a estrutura espacial do Centro e para os sons que o circundam, numa tentativa de valorizar a arquitetura do local e o ambiente em que foi construído.

Notou-se, também, que este questionário oral/escrito foi aplicado pelas oficinairas visando levar os membros do Centro ao trabalho de introspecção e subjetivismo propostos por Lopes (*apud* MARTINO, 2003, p. 92). O objetivo foi

propiciar que os sujeitos da tecelagem realizassem introspecções e, com elas, obtivessem a estruturação de elementos significativos, num reviver de informações e conhecimentos sobre a importância histórica da tecelagem como patrimônio cultural e artístico, bem como, sobre a importância do tecer manual para a individualidade de cada sujeito tecelão.

De acordo com o autor, a introspecção a partir da subjetividade é um método privilegiado para o reviver de informações subjetivas e construção de um percurso de vida. Lopes (*apud* MARTINO, 2003, p. 92) considera tais informações subjetivas como a “verdade” do sujeito, já que, por meio de seu discurso, de sua narrativa histórica, é que ele “aparece nu diante de sua imagem e dá a ver a sua verdade [...] um momento de irrupção do sujeito na fala, dessa fala descoberta, que revela”.

A introspecção a partir da subjetividade foi suscitada pelas ministrantes por meio de uma postura pedagógica que Becker (2001, p. 19) classifica como pedagogia não-diretiva, fundamentada na epistemologia Apriorista. A partir desta postura, as professoras/oficineiras evitaram muitas intervenções docentes e, como facilitadoras, consideraram que os sujeitos do Centro de Fiação e Tecelagem carregavam saberes que, para a produção do documentário, precisavam apenas ser trazidos “à consciência, organizar, ou, ainda, recheiar de conteúdo”. Portanto, na introspecção subjetiva, procuraram interferir o menos possível durante as falas e escritas produzidas pelos membros do Centro. Toda e qualquer ação que os tecelões decidiram fazer foi vista como boa e instrutiva para despertar o conhecimento já existente em cada um.

A partir das ações das oficinas, ocorreu entre os membros da comunidade um reviver de memórias, tanto de forma oral quanto escrita. Os sujeitos do Centro iniciaram a construção de narrativas pessoais, isto é, individuais acerca de como o conhecimento da tecelagem deu-se para cada um. Surgiu o que Lopes (*apud* MARTINO, 2003, p. 93) denomina de surgimento do sujeito na narrativa.

Esse surgimento do sujeito na narrativa é o momento da intimidade. Antes de mais nada, intimidade com a escrita, com a técnica de transformar a solidão branca do papel em espelho de tinta, transfigurando a opacidade do não saber em transparência do eu. (LOPES *apud* MARTINO, 2003, p. 93)

Em relação a estas narrativas, nota-se na análise de dados (observação não-participante e entrevistas), que para a maioria dos sujeitos históricos do Centro, a

transmissão dos conhecimentos da tecelagem se deu, inicialmente, no ambiente familiar, especialmente, de avó para mãe e de mãe para filha. No entanto, fica claro no documentário de bastidores que uma pequena parcela manifestou que a aprendizagem da tecelagem originou-se por meio de um aprendizado coletivo, depois da fase adulta ou terceira idade. Isto aconteceu na convivência com tecelões mais velhos do Centro e incentivados pela necessidade de se ter uma profissão que angariasse renda financeira.

Ao analisarem-se os dados obtidos, esta foi, justamente, uma problemática encontrada nas oficinas: as primeiras narrativas ali construídas denotaram que, apesar de os tecelões da comunidade saberem que a arte produzida por elas é parte de uma história, esse valor estava, em muito, “apagado” nas suas discursividades, pelo mercantilismo. O que se pode observar é que os membros da comunidade, devido à luta do dia a dia na busca pela sobrevivência financeira, bem como, a sobrecarga dos afazeres e das atividades repetitivas, tinham a obtenção da fonte de renda por meio do trabalho no Centro de Tecelagem, como algo maior e preponderante à valorização da arte e do papel delas como construtoras de uma cultura tecelã.

Baseando-se em Marzzitelli (2001, p. 3), que esclarece os postulados do Materialismo Histórico de Marx, compreende-se a origem de narrativas priorizando a tecelagem como fonte de renda. Por serem os tecelões sujeitos historicamente determinados, verificou-se que são as condições e relações materiais de produção, além da divisão social do trabalho existente no Centro de Tecelagem, que propiciam a construção de uma consciência aos sujeitos que ali trabalham, ou seja, que os propiciam pensar desta ou de outra maneira.

[...] Os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos do seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX E ENGEL, *in* NETTO, 1985, p.11).

Também se verificou, a partir de Netto (1985, p. 12), que os tecelões são o que as suas condições materiais (ou em outras palavras, o que as relações de produção em que estão inseridas) lhes determinam ser e pensar. O autor esclarece que o homem é determinado por condições materiais objetivas, da qual é também sujeito, e que é criado a partir do mundo externo, que o modifica permanentemente. Sua consciência humana é, portanto, conforme explica o autor, um produto social mutável e histórico que vive

em busca pela satisfação de necessidades materiais, o que gera no sujeito, cada vez mais, outras novas necessidades materiais, assim como novas formas de satisfazê-las. Para Netto, é nesse incessante movimento de criação e de satisfação de necessidades que se constitui o desenvolvimento histórico.

Teve-se, ao final de uma reflexão sobre estas narrativas, a verificação de uma predominância de memórias sobre a importância financeira do trabalho de tecelagem manual, em detrimento da importância de sua arte e cultura. Isso porque, conforme explica Marzzitelli (2001, p. 7), o homem, para produzir intelectualmente, e nesta perspectiva, produzir arte, precisa primeiro comer, vestir-se, abrigar-se, ou seja, suprir às suas necessidades vitais. “O ser humano precisa produzir os bens materiais que lhe são indispensáveis para a sua sobrevivência animal antes de fazer política, filosofar, produzir arte etc.”

Pode-se ainda notar que nas narrativas iniciais para construção do roteiro de “Tecendo Memórias” houve uma valorização do Centro de Tecelagem como um lugar propulsor de fonte de renda pelo fato de que, conforme Netto (1985, p. 14), a instituição é uma propriedade capitalista e possui determinadas características. São elas: a) realiza-se ali a separação integral entre proprietários dos meios de produção (Instituição Filantrópica Filadélfia e/ou Prefeitura Municipal de Uberlândia) e dos funcionários, considerados como forças produtivas; b) nela existem condições e instrumentos de trabalho *versus* o próprio trabalho; c) também, produtos produzidos *versus* controle da distribuição e do consumo dos produtos); d) ainda, trabalhadores (massa assalariada *versus* ao mercado de compra e venda de mão de obra). Todas essas características do Centro de Tecelagem, somadas à preponderância inicial das narrativas sobre ser o produto do trabalho dos tecelões uma mercadoria, auxiliam na compreensão de como as culturas populares inserem-se no capitalismo.

Observa-se, ainda, que a predominância das narrativas sobre a importância financeira do trabalho de tecelagem manual em detrimento da importância de sua arte e cultura é decorrente de um conflito entre enxergar o trabalho como mercadoria e o trabalho como cultura que expressa a sua condição humana.

Refletiu-se ainda, por meio da observação não-participante e diário que, pouco a pouco, mediante estratégias mínimas de intervenção, baseadas não em afirmações, mas em questionamentos por parte dos ministrantes da oficina, bem como diálogos entre os membros da comunidade, a narrativa constante de que condição financeira do trabalho e a mais valia é que impulsionavam a arte de tecer manualmente foi dando lugar a outras

narrativas. A existência dos diálogos, debates e discussões permitiu que houvesse, no emergir das respostas, narrativas não lineares e distantes do conceito de mais valia; ocorreu o que Peruzzo (2002, p. 5) chama de campo de conflitos manifestados por vozes que se mobilizam para a manutenção de identidades e de manifestações culturais tradicionais de um grupo. Foram recorrentes narrativas sobre ser a tecelagem manual é uma ocupação, sobretudo, para as tecelãs idosas. Também, ser a tecelagem um meio de realização pessoal e expressão da sensibilidade de quem a exerce. Ainda, ser a tecelagem necessária para a manutenção da cultura regional, que deve ser conservada diante da ameaça de extermínio causada pela tecnologia da indústria têxtil. No campo dessas diversas narrativas, a cultura da tecelagem foi o local de convergência, no qual foram unificadas algumas preocupações e conceitos sobre o tecer artesanal. É exatamente este o posicionamento de Hall (2003, p. 126), que defende ser a cultura um local de interesses convergentes, ainda que com contínua tensão, onde “[...] as sociedades dão sentido e refletem suas experiências comuns”.

Neste campo dessas diversas narrativas, a cultura da tecelagem foi o local de convergência, no qual foram unificadas algumas preocupações e conceitos sobre o tecer artesanal. É exatamente este o posicionamento de Hall (2003, p. 126), que defende ser a cultura um local de interesses convergentes, ainda que com contínua tensão, onde “[...] as sociedades dão sentido e refletem suas experiências comuns”.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se percebeu, por meio das análises realizadas diante dos dados coletados e, principalmente, no trabalho de pós produção do documentário e de realização do vídeo “making of”, ou seja, do produto mais analítico e de registro geral das atividades desenvolvidas ao longo da produção dos produtos midiáticos, foi a importância das ações de Comunicação Comunitária para os campos da Educação e da Comunicação, bem como, para os membros do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado.

No campo da Educação, as oficinas e vivências realizadas até então permitiram aos tecelões a aquisição de novos conhecimentos. Além disso, foram notadas em tais sujeitos mudanças no modo de ver o mundo e de relacionarem-se com ele, tais como: a ampliação da consciência sobre a necessidade de exercício da cidadania e inclusão social; ressignificação da riqueza cultural e artística produzida por meio da tecelagem manual; valorização das memórias e tradições da cultura popular que é a tecelagem artesanal; desejo de lutar pela valorização e manutenção da cultura, saberes e conhecimentos singulares da tecelagem manual produzida pelo Centro.

No campo da Comunicação, percebeu-se que as ações vivenciadas junto ao Centro permitiram, primeiramente, o exercício do direito à comunicação, defendido pelo Terceiro Setor de Direitos Humanos. Neste sentido, com as vivências realizadas, deram-se espaços ampliados para voz e vez a uma comunidade em situação de risco de exclusão social. Também há que se ressaltar a construção de narrativas individuais e coletivas a partir da construção popular e comunitária de um roteiro, considerado uma memória de dados. Ademais, a realização do projeto junto à comunidade supracitada vem permitindo uma maior popularização/democratização do uso de etapas e ferramentas de comunicação necessárias para o planejamento, produção e gestão de um produto comunicacional. Ainda para a comunicação e com finalidade de colaborar com produtores e demais profissionais da área, o que seria o “segundo vídeo”, uma vez que realizado com base nas experiências vividas na confecção de um documentário sobre os tecelões e o Centro de Tecelagem, agrega o conhecimento, experiências e técnicas significativas de pesquisa qualitativa sobre a arte de produzir um vídeo documentário recheado de depoimentos de quem produziu, narrou e encenou os fatos e momentos registrados.

Por fim, outras contribuições foram notadas a partir das vivências realizadas, tais como: o fortalecimento da comunidade tecelã como uma rede social; a valorização da realidade sócio-histórica e ideológica do Centro de Fiação e Tecelagem, enquanto comunidade coletiva, bem como, a valorização individual dos sujeitos históricos que o compõem.

As reflexões aqui expostas são o resultado do trabalho realizado para a construção de um documentário de bastidores, acreditando-se que outros olhares analíticos sobre o documentário “Tecendo Memórias” podem trazer outras contribuições para as áreas da Comunicação, Educação e para a Sociedade. Ao analisar até aqui como as narrativas foram constituídas e formuladas, procurou-se alcançar um estado de reflexão, salientando-se que, uma vez analisado, o objeto permanece para novas abordagens, não se esgotando nestas reflexões.

Por fim, o que se pôde ater, como um resumo das reflexões feitas até aqui, é que o trabalho comunitário com os membros do Centro de Fiação e Tecelagem Fios do Cerrado por meio de vivências durante as oficinas foi uma situação desafiadora e, por isso mesmo, um contato bastante produtivo e enriquecedor. Durante as análises dos dados coletados, foi interessante notar as reações e o envolvimento dos sujeitos no reviver de memórias individuais e coletivas relativas à tecelagem artesanal. Outro aspecto muito enriquecedor foi o de viver, a cada momento, o compartilhar da singularidade de cada sujeito, sua historicidade, sua situacionalidade como ser no mundo, sua inteligência e suas formas de aprendizado. Acima de tudo, acreditar que, no interior da comunidade, há uma possibilidade real de que cada um dos tecelões pode, por si próprios, responsabilizarem-se pelo exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. In: _____. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2010, p. 169-187.

BECKER, F. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. In: _____. *Educação e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre (RS): Artmed Editora, 2001, p. 15-32.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ESCOSTHEGUY, A. C. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, A. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. São Paulo: Vozes, 2001, p. 151-170.

FREIRE, P. *A educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARZZITELLI, E. Conhecendo o materialismo histórico e o marxismo: conhecendo Marx. In: *Anais do V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, Educação e Emancipação Humana*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

MARTINO, L. C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: Lopes, M. I. V. de (org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 68-104.

NETTO, J. P. *O que é Marxismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense Editora, 1985. (Coleção Primeiros Passos, n. 148).

NICHOLS, B. *Introdução ao Documentário*. Tradução Mônica Saddy Martins. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. *Revista PCLA – Pensamento Comunicacional latino Americano*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, v.4,n.1, p.1-9, 2002. Disponível em: <www.metodista.br/unesco/pcla>. Acesso em 23/11/2013.

_____. A comunicação popular nos seus aspectos teóricos. In: PERUZZO, C. M. K. (Org.) *Comunicação e culturas populares*. São Paulo: UFES/Intercom, sv., 1995a, p. 27-41.

_____. Pistas para o estudo e a prática da Comunicação Comunitária participativa. In: PERUZZO, C. M. K. (Org.) *Comunicação e culturas populares*. São Paulo: UFES/Intercom, 1995b, sv., 1995, p. 143-162.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: 1989.

PUCCINI, S. *Roteiro de Documentário: da Pré-Produção à Pós-Produção*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social métodos e técnicas*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROESCH, S. M. A. *Projetos de estágio e de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SOUZA, L. S. *A educação pela comunicação como estratégia de inclusão social: o caso da escola interativa*, 2006, 357 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.